

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: 28

Data: 01.01.76

Pg.: 7

Invasões persistem e BORORO Funai ameaça missão

Do correspondente em
CUIABÁ

A pesar dos reiterados apelos dos índios e da Missão Salesiana à Funai e ao INCRA, a colônia indígena de Meruri, onde vivem 800 índios bororos, no Leste de Mato Grosso, vem sendo sistematicamente invadida por fazendeiros que se dizem proprietários das terras, as quais, aliás, foram adquiridas pela própria Missão, em 1905.

Ainda na última semana os fazendeiros Nonato Rocha e Ademar de Aquino soltaram seu gado nas lavouras dos índios, causando prejuízos calculados em dez mil cruzeiros. Diante de mais essa invasão, Eugênio Rondon e seu filho Lourenço — os chefes bororos — enviaram um telegrama à Delegacia da Funai em Cuiabá, dizendo que os fazendeiros “encheram novamente” a sua área, e o gado estava acabando com a subsistência dos moradores. Na mensagem, eles acrescentaram que os índios estavam “exasperados” e, por isso, solicitavam a urgente desocupação da área.

Entretanto, ao invés de adotar qualquer providência, o delegado interino da Funai, Arony Ribeiro, entrou em contato com o superior da Missão Salesiana para dizer que a Funai não via com bons olhos a atitude dos chefes bororos, mesmo porque ela “não costuma tratar diretamente com o índio, mas com o encarregado, no caso o padre Rodolfo Lunkenbeim”.

Segundo ele, para o presidente da Funai os telegramas são considerados “sensacionalismo”, não trazendo nenhum resultado. Arony Ribeiro acrescentou que a mensagem foi interpretada como “abdicção” da Missão e, assim, “a Funai se verá na obrigação de substituí-la”.

Diante dessa ameaça, o padre Antonio Iasi, secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário — Cimi — esteve ontem na Delegacia da Funai, quando afirmou a Arony Ribeiro que não entende como a entidade, “que tanto fala na integração do índio, se exaspera quando ele próprio procura encaminhar a solução de seus problemas”. Quanto à nova invasão das terras, nenhuma providência prática havia sido tomada até ontem pelo órgão indigenista.

Os chefes Eugênio e Lourenço chegaram segunda-feira a Cuiabá, para tentar a solução do problema junto à própria Funai, uma vez que os índios estão ameaçando usar a força para expulsar os invasores. Ontem, porém, os dois retornaram à aldeia sem saber quais as medidas que a Funai adotará.

Desencontro

Para o padre Antonio Iasi, o fato de a Delegacia da Funai ver “abdicção” da Missão Salesiana em seu trabalho junto aos bororos e, inclusive, ameaçar substituí-la, caracteriza o “quanto está desencontrada a política do órgão indigenista oficial que não deseja ver o índio conscientizado de seus problemas, lutando para resolvê-los”.

O padre disse que, quando o

general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, visitou a Missão em Meruri, no mês de setembro de 1974, escreveu no livro de visitas que “verifiquei os últimos trabalhos” que ali estavam sendo realizados em benefício “do nosso índio”. Além disso, declarou que viu uma “comunidade sadia e cheia de esperança no dia de amanhã” e que a Missão estava perfeitamente capacitada a realizar o trabalho de integração.

Este ano, entretanto, quando se pretendeu a formação de roças maiores, segundo Eugênio Rondon, o gado dos fazendeiros “está destruindo tudo e nada podemos fazer”. O padre Iasi acha que a ameaça torna-se mais séria agora, uma vez que, há alguns dias, um alto funcionário da Funai informou-lhe que a reserva de Meruri (de 79 mil hectares) deverá ser oficializada brevemente, “mas a Missão poderá ter uma surpresa desagradável”. Como essa surpresa ainda não foi revelada, o Cimi teme que, com a criação da reserva, a Funai tente afastar os salesianos de seu trabalho.

De acordo com o padre Rodolfo Lunkenbeim, as invasões das terras da colônia Bororo de Meruri começaram em 1955, quando alguns fazendeiros e grileiros tentaram derrubar as matas da área. Essas invasões cessaram em 1965 e só voltaram a ocorrer em 1974. Nesse ano, o fazendeiro José Antonio Guedez Miguel invadiu as terras indígenas, fazendo cercas na região chamada “Boqueirão” e, posteriormente, soltando gado em pastagens que os índios haviam formado há dez anos.